

OS PRINCÍPIOS METAFÍSICOS NO *DE ENTE ET ESSENTIA* DO JOVEM TOMÁS DE AQUINO*

THE METAPHYSICAL PRINCIPLES IN *DE ENTE ET ESSENTIA* OF THE YOUNG THOMAS AQUINAS

Lucas Lagasse Corrêa**

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de ser um convite para uma primeira aproximação ao opúsculo *De ente et essentia* (*O ente e a essência*), de Tomás de Aquino. Nessa obra se encontram os princípios e a síntese da Metafísica do Doutor Angélico, com suas teses mais particulares, a saber: a distinção real entre essência e *actus essendi* (ato de ser); a essência nas substâncias, nos acidentes e nos entes lógicos; Deus como o Ser Subsistente; as criaturas como entes por participação; a *materia signata* como princípio de individuação; e o ato de ser (*actus essendi*) como ato dos atos. Vê-se como influência sobre o *De ente*: o filósofo grego Aristóteles – principalmente quanto aos conceitos de substância e acidente, potência e ato; o pensador árabe Avicena, com sua distinção entre essência e existência; e a tradição cristã e neoplatônica, especialmente Agostinho e o Pseudo-Dionísio Areopagita. Muitos dos conceitos abordados nessa obra de juventude se desenvolverão ao longo do período de seu Magistério e de suas obras mais maduras (*Suma teológica*, *Suma contra os gentios* etc.), mas o substancial de sua doutrina já é possível vislumbrar nessa obra aqui apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: ente; essência; ato de ser; participação; Deus.

ABSTRACT

This paper aims to serve as an invitation to a first approach to the treatise *De ente et essentia* (*On being and essence*) by Thomas Aquinas. In this work, we find the principles and synthesis of the Metaphysics of the Angelic Doctor, along with his most particular theses, namely: the real distinction between essence and *actus essendi* (act of being); essence in substances, accidents, and logical entities; God as the Subsistent Being; creatures as beings by participation; *materia signata* as the principle of individuation; and the act of being (*actus essendi*) as the act of acts. The influences on *De ente* include the Greek philosopher Aristotle – primarily regarding the concepts of substance and accident, potentiality and act; the Arab thinker Avicenna, with his distinction between essence and existence; and the Christian and Neo-Platonic tradition, especially Augustine and Pseudo-Dionysius the Areopagite. Many of the concepts addressed in this youthful work will develop throughout his teaching period and in his more mature works (*Summa theologiae*, *Summa contra gentiles* etc.), but the substance of his doctrine can already be glimpsed in this work presented here.

KEYWORDS: being; essence; act of being; participation; God.

* Artigo recebido em 18/11/2024 e aprovado para publicação em 19/12/2024.

** Doutorando em Filosofia pela UFES e mestre pela mesma Universidade. Licenciado em Filosofia pela Católica de Vitória Centro Universitário. Professor efetivo na Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (SEDU). E-mail: lucslagasse20@gmail.com.

APRESENTAÇÃO DA OBRA *O ENTE E A ESSÊNCIA*

Os historiadores da filosofia costumam contextualizar *O ente e a essência*, escrito por Tomás de Aquino, entre os anos 1252 a 1256, quando ele começou a exercer seu primeiro magistério, no *Studium Generale* dos Dominicanos, na Universidade de Paris (Fabro 1965; Saranyana, 2006; Thonnard, 1968). Obra de sua juventude, cujos conceitos foram usados por ele em seus posteriores escritos filosóficos e teológicos e, na sua maturidade intelectual, aprofundando os pormenores (como por exemplo, na *Suma contra os gentios*, na *Suma teológica*, no *Comentário à metafísica de Aristóteles*, entre outros), o Doutor Angélico retoma a questão do ser, da substância, da essência, acidente, ato, potência, participação, individuação... e os precisa de acordo com a necessidade da obra, visto que *O ente e a essência* é escrita, como diz o título, para esclarecer a noção desses conceitos.

A pequenez de *O ente e a essência* fez com que ele fosse classificado como *opúsculo*¹. No entanto, pode ser considerado também como um compêndio metafísico do Aquinate, pois toda a base de sua metafísica está ali exposta, e os escritos posteriores a ele, no âmbito filosófico, ou até mesmo teológico, remeterão sempre a esse seu *sermo* (discurso), como ele mesmo classifica essa sua obra (Moura, 1981a, p. 7). Evidentemente o objetivo da obra é muito complexo, encontrando-se nela uma mescla de lógica e metafísica nada simples a um leitor não habituado com esses temas. Iremos nos deter mais no aspecto metafísico, no qual Santo Tomás nos

[...] conduz a uma classificação hierárquica dos seres segundo uma ordem de simplicidade crescente em substâncias materiais (compostas de matéria e forma), substâncias espirituais (compostas somente de essência e existência), Deus (absolutamente simples e em quem a essência é idêntica a existência) (Gardeil, 2013, p. 494).

A discussão dos assuntos se dá inserida em críticas e análises de posições filosóficas da época: neoplatonismo, a tradição agostiniana e o recente aristotelismo, advindo do Oriente

¹ *Opúsculo* se diz de uma pequena obra, com finalidade explicativa de poucos assuntos, e por isso não volumosa física e extensamente, no entanto não significa que não tenha densidade de conteúdo, como se pode observar com o tratado nessa apresentação. Difere-se muito das famosas *Sumas*, que eram gêneros literários importantes da época, extremamente elaboradas, subdivididas e monumentais, de muitos volumes, destinadas a grande público e com inúmeras questões a serem discutidas. Difere-se também o opúsculo, por ser redigido de forma direta, das *Questões Disputadas*, em que o autor expunha duas ideias diversas, problematizava e analisava as duas e dava seu parecer final; ou ainda os chamados *Comentários*, obras de interpretação e crítica (Gilson, 2001, p. 654-655).

pela leitura e interpretação de Avicena e Averróis. É uma obra de rigor filosófico, fundamentação racional e temas exclusivamente filosóficos.

Era preciso esclarecer a noção de ente, e sua definição (essência). Quando as noções de ente real e ente da razão são definidas, entra o discurso sobre a substância em cada um dos entes, substância simples e composta, e posteriormente os acidentes também são estudados. Propondo o ente e a essência como aquilo que primeiro o intelecto concebe, afasta um realismo ingênuo, que postulava o ser em si nas coisas, como se o fato de as coisas existirem significasse que elas possuem o ser de modo que não dependam do ser de outro. A origem intelectual do ente, e o modo de conhecê-lo, via abstração do sensível, preocupa o autor, que versa também sobre a questão de Deus.

O Ente e a Essência programa a orientação metafísica do autor, que se encontra inserida no Realismo² e na Escolástica medieval³.

1 A OBRA EM SI

1.1 O Prólogo

Para os escolásticos, usar do argumento de autoridade era importante e válido, uma vez que por durarem e sobreviverem, pelos séculos, o autor e seu argumento, maior é a probabilidade de certeza e razoabilidade da dissertação. Em Paris, Tomás de Aquino tem formação com Alberto Magno, que lhe transmite o contato com Aristóteles, que influenciará o Aquinate em toda sua obra, ao ponto de a história dizer que Tomás “batizou” o Estagirita. *O ente e a essência* começa com uma citação aristotélica, indicando assim de onde Tomás retira as bases de sua argumentação, seja para concordar ou para acrescentar com seus

² Na corrente filosófica realista, o objeto, a coisa (*res*), tem precedência ao sujeito, é independente da consciência deste, que é capaz de conhecê-lo. A Teoria do Conhecimento do Realismo diz que a verdade é alcançada por meio da adequação da mente ao objeto, já que neste se encontra a substância e as categorias – descritas abaixo, quando tratado o capítulo I de *O ente e a essência* – que são abstraídas pelo intelecto (Gilson, 1974).

³ Surge com a inauguração da civilização urbana medieval, e a criação das escolas urbanas, onde filosofia e teologia se desenvolveram, aproximadamente no século X. As escolas monásticas cederam lugar para as novas escolas urbanas, que culminaram com a criação da Universidade. Tem a característica de recorrer a argumentos de autoridade, já que se desenvolve como uma filosofia de comentário sobre as grandes temáticas do mundo grego e da patrística, comentários esses que acrescentam e dão originalidade à Escolástica. E. Gilson apresenta, em seu clássico *A filosofia na Idade Média*, das páginas 482 a 489, o desenvolvimento da Universidade, que diferente do conceito atual, era composta tão somente por mestres e alunos que participavam do ensino dado numa escola da cidade, e não por prédios e cursos de todas as ciências, organizados e em prédios diversos.

desdobramentos próprios. Aristóteles⁴ é autoridade, e como autoridade adverte que um erro no princípio leva a um fim totalmente desastroso (Tomás, 1981, p. 65)⁵.

Ademais, Tomás de Aquino cita Avicena⁶, em seu livro *Metafísica*⁷, para dar o primeiro conceito de ente e essência: “O ente e a essência são aquilo que por primeiro a inteligência concebe” (Tomás, 1981, p. 63), ou seja, a acessibilidade de ente e essência só se dá por meio do ato de concebê-los intelectualmente. Isso indica, na clássica teoria do conhecimento, o caminho para a verdade, que percorre os entes reais, até a abstração destes. E é, portanto, unicamente o homem que tem esse modo de conhecer e conceber algo.

Feitas as citações, Tomás diz o que quer com seu escrito, sua finalidade: analisar o ente e a essência na ordem ontológica (nos seres – *in diversis*) e na ordem lógica (gênero, espécie e diferença). Ainda no prólogo da obra é apresentado o método principal de leitura dela, de forma análoga a compreensão dos conceitos ente e essência. O autor propõe a aprendizagem como se iniciando pelo mais fácil, que seriam as coisas (substâncias) compostas (de matéria e forma), ao mais difícil (complexo), isto é, as coisas (substâncias) simples (puras formas). É a aplicação do método indutivo, análise do particular para o universal. O Aquinate discorre primeiro sobre o Ente (que seria de aprendizagem mais fácil, visto que composto) e depois trata da Essência (de difícil assimilação, pois é simples).

1.2 Capítulo 1 (§2-6)

A partir do pensamento aristotélico (Livro V da *Metafísica*, 7, 1017a, 22), Tomás concorda com o Estagirita de que o ente pode ser considerado em dois modos: o primeiro correspondendo a algo na realidade⁸ e o segundo não correspondendo, mas é ente também

⁴ A autoridade de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) se dá por Tomás utilizar, principalmente dos Livros II, III, V e VII da *Metafísica* do Estagirita para comentar e tratar da noção de substância, ente e essência, ato e potência, configurando assim a prática escolástica de fazer filosofia em comentários de antigos pensadores (Aristóteles, 2005). As obras *De coelo*, *Topicorum*, *De anima*, *Historia animalium*, *De partibus animalium* do filósofo grego também são citadas pelo Aquinate nesse seu opúsculo.

⁵ Usaremos para este estudo a seguinte versão: Tomás (1981). Citaremos sempre conforme autor, ano e página.

⁶ Pensador árabe (980-1037), através de quem a obra aristotélica – e suas interpretações – é reintroduzida no Ocidente.

⁷ Ou a décima terceira parte do *Livro da cura*, chamado também de *Sobre as coisas divinas*.

⁸ Substância e gêneros: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, estado, hábito, ação e paixão. Essas são as categorias aristotélicas apresentadas no *Organon*, *Categorias* IV 2b (Aristóteles, 1985, p. 47). As categorias são as diferentes modalidades do ser, são os modos como uma coisa é, ou ainda o predicado de uma coisa ou sujeito, sendo divididos numa dicotomia maior de substância, ser que é em si, e do acidente, ser que somente pode existir em outro (os gêneros). Segundo Rosset e Frangiotti (2012, p. 64-65), o ser verdadeiro está na substância, que existe em si mesmo, o ser das demais categorias, ou gêneros, depende da substância, tem o ser em outro. Podem-se resgatar os conceitos gramaticais de sujeito e predicado de uma frase para melhor

porque dele se pode afirmar algo, “verdade das proposições”, e existe objetivamente somente na inteligência. Odilão Moura (1981a, p. 83) chama o primeiro modo de ente de “Ente real”, considerado por Tomás como *substância primeira*, e o segundo modo de “Ente de razão”, considerado *substância segunda*. A cegueira, no exemplo dado pelo próprio Aquinate, não é ente do primeiro modo, sendo que só do primeiro modo se deriva essência em termo estrito, mas é um ente do segundo modo, ente de razão, cuja essência depende do sujeito ao qual está relacionado, ou seja, um homem, passível de ter cegueira. Fica clara aqui a divisão do ente real em substância e acidente, e constatado que a essência está nas substâncias verdadeiras e absolutamente, e nos acidentes parcial e relativamente (ao ente do qual depende sua existência).

O Comentador, como é chamado Averróis⁹, na sua *Metafísica*, diz: “ente concebido no primeiro sentido é aquilo que significa a essência da coisa” (Tomás, 1981, p. 64), assim, segundo Tomás, a essência deriva do ente enquanto dividido por dez gêneros, ou seja, daquilo que põe algo na coisa (substância). A essência significa algo comum a todas as naturezas, entre os entes reais, donde, pelo exemplo dado pelo autor, “humanidade constitui a essência do homem” (Tomás, 1981, p. 64), e essa essência permite classificá-los (os entes reais) em gênero e espécie, que definem o que a coisa é. E, terminando o capítulo, Tomás elenca alguns termos que significam o mesmo que essência, que foram usados por filósofos anteriores a ele – *quididade*, *forma*, e *natureza*. Essência é aquilo que é significado pela definição de algo, aquilo que algo é; “*quididade*”, segundo Aristóteles; “*forma*” para Avicena; ou ainda “*natureza*” para Boécio. A essência responde à pergunta “o que é?”, e os acidentes não interferem nessa resposta. Analisando a questão da substância: o ente se diz de maneira absoluta (*simpliciter*); no acidente ele se diz sobre certo modo e um certo aspecto (*secundum quid*).

1.3 Capítulo 2 (§7-17)

Tratando das substâncias, o Aquinate diz que elas são divididas em simples, que tem essência mais nobre, elevada, pois é causa das compostas; e compostas, que também têm essência. As essências das substâncias simples são mais ocultas, por isso o autor começa analisando as essências das substâncias compostas, o que seria um aprendizado mais

compreender essas modalidades de ser: O homem (substância-sujeito), de cor branca (qualidade), que está na Grécia (lugar), escreve (ação) sentado (estado). Somente o sujeito da frase (o homem) existe em si mesmo, já que todos os predicamentos dependem dele para existir.

⁹ Filósofo muçulmano (1126-1198) que residia na antiga Espanha. Por ter vasta obra de comentário da filosofia de Aristóteles é considerado o Comentador, sendo um dos grandes responsáveis pela introdução do pensamento do Estagirita no Ocidente. Mais para o final da vida, Tomás de Aquino chama Averróis de *o Deturpador*, por discordar da interpretação dele na questão da *Unidade do intelecto*.

adequado ao nosso intelecto (*quod nos*). Como Deus é considerado causa eficiente, a substância simples é o próprio Deus, causa de todas as coisas, e Ele não é conhecido imediatamente, mas é conhecido por meio das coisas criadas, compostas (de matéria e forma). O conhecimento de Deus para Tomás de Aquino, seguindo a linha aristotélica, é então mediato, ou seja, parte-se das criaturas ao Criador. No *De ente* Tomás de Aquino dá os primeiros passos para a demonstração da existência de Deus, o que mais tarde, em suas *Sumas* (Teológica e Contra os gentios), irá fazer, partindo justamente de nossa capacidade de conhecer os efeitos, que são evidentes, sensíveis, para se chegar à Causa, que não é evidente e por isso mesmo necessita de demonstração (*quia* – dos efeitos à causa).

Seguindo o método apresentado no prólogo e no capítulo 1, Tomás, após versar sobre o ente, inicia seu estudo sobre a essência nas substâncias compostas, consideradas fisicamente (primeiras intenções) constituídas de matéria e forma.

“Matéria é potencialidade indeterminada”, dizem Rosset e Frangiotti (2012, p. 69), ela pode receber uma forma e assim se tornar algo, como o plástico pode se tornar uma cadeira ou uma caneta; e a madeira, um portal ou um lápis. Tomás (1981, p. 66) diz que “a matéria não é o princípio de conhecimento”, indicando assim a passividade da matéria quanto à atualização da forma. O termo “forma”, segundo os mesmos autores, Aristóteles tomou da geometria, devido à influência da escola platônica, significando primeiramente um sentido estatutário, a forma que um corpo tem, como numa estátua. Desenvolveu-se depois um segundo entendimento de forma, que é o que faz com que uma coisa seja ela, por exemplo uma estátua, o que difere a Pietá do Moisés, de Michelangelo, são suas distintas formas, que atuam sobre a potencialidade da matéria. A essência nas substâncias compostas compreende matéria e forma, tal como são conhecidos o corpo e a alma; no entanto, não é somente um deles (corpo ou alma) que nos dá a chamada essência, senão o seu conjunto (no caso, humanidade como essência do homem, composto de corpo e alma); já nas substâncias simples (Deus e os anjos) basta a forma para identificar a essência. Tendo em vista as substâncias compostas (matéria e forma), somente da matéria não se tira a essência, e unida à forma ainda precisa de atribuição do SER que lhe é exterior para que em ato exista, e ainda a matéria sozinha (a matéria prima) não é cognoscível. Apesar de alguns filósofos afirmarem que pela forma sozinha pode-se denominar a essência de uma substância composta, Tomás assevera o caso das substâncias naturais, que em suas definições (essências), não contêm apenas forma, mas também a matéria, pois se as essências fossem derivadas apenas da forma, as definições naturais (compostas) não difeririam das matemáticas (simples). Essa argumentação de que somente a

forma seria a essência das substâncias compostas equivale à teoria platônica¹⁰, da qual Tomás de Aquino se afasta. A essência não é uma espécie de relação entre matéria e forma, ou algo acrescentado a elas, pois que fosse assim, seria um acidente, e o ente não seria conhecido, o que cabe à essência proporcionar (o conhecimento da coisa). Através da forma a matéria, que está em potência, se torna um ente em ato, cognoscível. Forma sozinha não é essência, e matéria não é um acréscimo à essência, do mesmo modo que não é um ente fora de sua essência, que compreende matéria e forma nas substâncias compostas.

O nome da essência nas substâncias compostas provém da matéria e da forma, para demonstrar isso Tomás usa um termo de Boécio, *ousía*, que significa o composto. Para os gregos, *ousía* é o mesmo que a *essência* dos escolásticos. Para Avicena a *quididade* das substâncias compostas é a própria composição de matéria e forma; e segundo o Comentador, matéria e forma é algo intermediário em relação às coisas sujeitas a geração, ou seja, se na ordem das coisas criadas se tem a matéria prima, que é totalmente potência, e as formas puras, em ato e cada vez mais próximas do Ato Puro (Deus), as essências derivadas das substâncias compostas estão nesse meio, intermediária para com os dois extremos da hierarquia universal.

Exemplificando no homem como se entende sua essência, Tomás assevera que a divisão alma e corpo faz a sua definição ser derivada da forma (racional) e matéria (animal); então o que é o homem? *Animal racional*, essa definição seria sua essência.

O ser das substâncias compostas não provém apenas da forma ou da matéria, mas do próprio composto. Se a essência é definida de acordo com que a coisa é dita ser, então consiste em matéria e forma, embora somente a forma é causa de ser (“a forma dá o ser”, *forma dat esse*, reza o adágio escolástico de cunho aristotélico). Como a matéria é o princípio da individuação, decorre que a essência (matéria e forma) seja particular e não universal, assim os universais não teriam definição (essência). A essência é singular, quando substância primeira, nas primeiras intenções, visto que a matéria assinalada pela *quantidade* é o princípio de individuação. Na substância primeira, dado como exemplo Sócrates, o princípio de individuação é a matéria assinalada (*materia signata*) (“este osso, esta carne”), já na substância segunda, homem, ele é determinado por matéria não assinalada (osso e carne de maneira absoluta, universal). A essência é composta de um elemento potencial – a matéria-prima, que limita, individualiza enquanto quantidade – e um elemento atual – a forma, que é ato (perfeição). A substância composta tem essência composta (matéria e forma), a substância

¹⁰ O idealismo platônico é objetivamente transcendental: a ideia (forma) é a realidade verdadeira, independente de nós ou de nosso conteúdo mental, e as coisas sensíveis são cópias imperfeitas que participam dessas ideias ou arquétipos ideais (Fraile, 1997, p. 325).

simples tem essência simples (forma). A inteligência se move em direção aos entes reais, concebidos individualmente e forma um conceito desses, a essência, isso é chamado primeira intenção (intelecção). A razão tem capacidade de abstrair o que há de comum na essência da concepção dos seres reais particulares (João, Pedro...) e formar conceitos universais (homem, animal...) ou ainda dispô-los em intenções lógicas (gênero, espécie e diferença), isso é chamado segunda intenção (intelecção). A essência da substância composta é vista como substância segunda, enquanto gênero, espécie e diferença, ou seja, como abstrações da razão, exercício lógico para definição de entes reais.

1.4 Capítulo 3 (§18-29)

Nesse capítulo, Tomás de Aquino trata da essência nas substâncias compostas, nas segundas intenções (universal lógico); portanto é de uma densidade lógica profunda, demonstrada no debate em que Tomás se insere, relativo à questão dos Universais¹¹ (que é um problema entre a relação do conhecimento das coisas com as essências delas).

Para se pensar na essência é preciso pensar no todo do objeto, e um todo é constituído de partes; o gênero nos remete ao todo do objeto, a espécie nos remete às partes (materiais). Diferença é quando a forma é percebida (Primeira intelecção) sem saber qual é a sua matéria, ou seja, designar, ou determinar a forma de algo, sem precisamente saber da matéria que por ela é informada (exemplo: vê-se um lápis, sabe/determina-se que é lápis devido a sua forma, mas não há conhecimento do que ele é feito, sua matéria). Para pensar na essência dessas substâncias compostas, enquanto substâncias segundas, há que ser metafisicamente, já que se referem a conceitos abstraídos de uma substância primeira particularizada (Sócrates). Os predicados possíveis à substância primeira (animal, homem, racional...) são conceitos universais que podem ser classificados em gênero, espécie e diferença. Esses predicados

¹¹ A querela dos universais remonta a Porfírio (233-305), em sua obra *Isagogé*, que tratava de uma introdução às Categorias aristotélicas expressas no *Organon*, e na qual formulou algumas perguntas sobre a natureza ou essência das noções (ideias gerais). O clássico texto porfiriano diz o seguinte: “Se os gêneros e as espécies subsistem ou estão somente nos intelectos puros; se são substâncias corpóreas ou incorpóreas; e (nesse último caso) se estão separadas dos sensíveis ou colocadas neles, é questão que passo por alto. Trata-se de um tema difícil, necessitado de maior investigação” (Saranyana, 2006, p. 112-113). Está aberta a questão do *status* ontológico dos universais durante toda a Idade Média, especialmente nas discussões escolásticas. Os gêneros e as espécies teriam subsistência em si mesmos ou seriam simples concepções do espírito? Se forem reais, são corpóreos ou incorpóreos? Se incorpóreos, existem fora das coisas sensíveis ou somente unidas a elas? Calderón (2011, p. 470) assevera nossa capacidade intelectual, que abstrai de indivíduos a noção, por exemplo, de homem. Sendo essa noção uma essência única em face da realidade múltipla dos indivíduos, ela não é separada como queria Platão, nem é um nome sem fundamento na realidade, como afirmavam os nominalistas. Um universal, no realismo moderado, advém da abstração de algo concreto, e tem, portanto, *status* ontológico.

universais estão no nível das segundas intenções, e para compreender a essência das substâncias compostas, enquanto ente de razão, é preciso utilizar das primeiras e segundas intenções; sabendo que essa essência é análoga a do ente real, portanto possuindo a mesma imperfeição que os acidentes: depende do ente a que se refere.

Para Tomás de Aquino o que determina a diferença das essências individuais (João, esta mesinha etc.) e espécie (homem, mesa etc.) é a assinalação ou não assinalação da matéria, princípio de individuação que proporciona dimensões, já a diferença das essências de espécie (homem) e gênero (animal) está na forma. Então, a essência do indivíduo é particular a ele e as essências específicas e genéricas são abstratas, existentes objetivamente no ente de razão.

O corpo decorre da designabilidade de três dimensões (largura, altura e comprimento), será parte integral e material do animal e, portanto, a alma está a parte do que se significa pelo nome corpo. Corpo é gênero de animal, e a forma do animal está contida no corpo. Gênero se dá quando significa certa coisa de cuja forma podem provir os sentidos e movimentos, também é a indeterminação do todo que está na espécie. Diferença significa o todo, não apenas a forma; e definição significa o todo ou ainda a espécie. Humanidade enquanto nome não existe, necessita do homem que contém matéria e forma para existir. A noção de gênero ou de espécie cabe ao homem singular, se predicam do indivíduo, segundo Tomás, o que contraria a doutrina dos platônicos.

1.5 Capítulo 4 (§30-43)

Nesse capítulo, o Aquinate trata da essência da Substância composta nas Segundas Intenções.

Essência não é parte, é todo, e pode ser considerada de dois modos: 1º modo: *ratione propria* – noção própria, considerada absolutamente, por exemplo, ao homem cabe o racional, o animal e os demais que entram na sua definição; a cor preta ou branca não cabe aqui, são acidentes. A unidade não é um conceito aplicado à natureza, quando intelecção, mas uma na concretização (em Sócrates, por exemplo). O 2º modo: enquanto tem ser nisto ou naquilo, a essência que se predica por acidente em razão daquilo que é, do qual depende para ser (exemplo: negro, índio, branco). O acidente não depende da essência, mas se relaciona, concretiza na essência, por exemplo: Sócrates está queimado; a queimadura interfere acidentalmente nele, tem causa externa; o homem tende a ser queimando, mas em sentido absoluto é animal racional. O acidente não poderia acontecer fora do indivíduo, não existiria.

Então não se pode dizer que o acidente é essência. Outra ilustração para isso seria dizer que a raça ariana (um acidente) seja a natureza humana, assim excluiria o restante da humanidade. O universal não se aplica em exclusão, não se pode dizer todos são brancos. Não posso buscar o universal, senão todos seriam iguais. Classificar não é da essência, mas do intelecto para entender, já que ele tende a universalizar.

No parágrafo 40 do seu opúsculo, Tomás de Aquino tece a clássica crítica a Averróis, que queria buscar a unidade do intelecto em todos os homens por meio da universalidade da forma inteligida; não é que os homens têm, como que, um único intelecto, e que a todos conduz ao mesmo tempo; a essência que se entende de um ente possui noção universal, tão somente, e daí não se pode deduzir um intelecto universal. Exemplifica o Aquinate com certa estátua, que teria ser singular e próprio enquanto estivesse nessa matéria, mas ao mesmo tempo representaria uma universalidade comum a vários que se vissem nela.

1.6 Capítulo 5 (§44-59)

Depois de todo percurso de análise das substâncias compostas, nas primeiras e segundas intenções, ordem física e metafísica respectivamente, primeira e segunda substâncias, passa o Aquinate a tratar das substâncias simples, e de como há essência nessas substâncias separadas (alma, inteligência e causa primeira).

A causa primeira é tida como substância simples por muitos filósofos; no entanto Avicébron¹², no livro *Fonte da vida*, põe matéria e forma na composição das inteligências e das almas. Como contra-argumento, Tomás responde que a inteligibilidade das formas só se dá abstraindo tudo que é relativo a matéria, e que a causalidade da forma não depende da matéria. Consequentemente fica entendido que a substância composta é derivada da simples, ou seja, os entes ou substâncias compostas têm ser (esse) proveniente da substância simples, que Tomás de Aquino, em consonância com certos autores, chama de Deus.

Deus, então, é a causa primeira, segundo Tomás, e ele parte do princípio que tudo que existe no mundo tem uma causa, existe devido ao ser do outro, e concordando com Aristóteles que não se pode remontar ao infinito, pois senão não haveria início nem fim, nem a própria série das coisas; é necessário que um Ser seja somente ser e que cause o ser nos demais entes. Em Deus sua essência é seu próprio ser, é ato puro, não tem potência. A matéria sem forma não existe; no entanto, há forma sem matéria. No âmbito da relação ato-potência, vê-se

¹² Filósofo judaico medieval (1021-1058).

analogamente que entre Deus e as coisas, estas últimas estão em potência para receber o Ser, que vem de Deus, que é puro ato.

As notas características das substâncias simples são: imaterialidade, composição de essência e ser, serem causadas, composição de potência e ato, pluralidade numérica e subsistência. As características da causa primeira: ser causa primeira dos entes, ausência absoluta de composição, subsistência, ato puro, unicidade (Moura 1981b, p. 164). Por meio dessas características, é traçado o fio condutor do capítulo.

A essência nas substâncias separadas (alma, inteligência e causa primeira – Deus) não depende da matéria (*imaterialidade*), sua definição é livre, imune, da matéria. Para falar de perna, cachorro, mesa, é preciso de matéria em suas definições, mas falando sobre tristeza, medo, ou de um anjo não é preciso de matéria. Conforme Tomás, a matéria dificulta a inteligibilidade da substância, logo as substâncias simples possuem apenas forma. A composição das substâncias simples então é de *forma* (sua essência) e *ser* (advindo da causa primeira). Assim se traça a multiplicidade das coisas a partir da subsistência da causa primeira: conforme é a essência do ente, mais em potência está para a fonte do ser, que é ato puro – *a matéria prima*, em total potência para receber forma; *o ente composto*, cuja essência é definida da matéria e forma (acrescentado ainda o ser, *esse*); *o ente simples*, cuja essência é sua própria forma (acrescentando também o ser, *esse*), e a *Causa Primeira*, total perfeição, sem nada que possa ser acrescentado, *Ipsum Esse Subsistens*, Ser por si mesmo subsistente. Eis a ordem dos seres, segundo o Aquinate (Tomás, 1981, p. 79).

Um adendo: no parágrafo 51, baseado em Avicena, que diz: “[...] aquela (natureza) que não necessita de matéria para começar a ser e permanecer no ser é impossível que se multiplique, e a sua espécie é numericamente única” (Moura, 1981b, p. 98), Tomás de Aquino estabelece a doutrina da identidade da unidade individual e da unidade específica nos anjos e ausência neles de matéria. Em se tratando de uma obra filosófica, o Aquinate não usa a palavra “anjo”, mas “inteligência”, na esteira da tradição aristotélica, sendo o referido parágrafo o “substrato racional para a doutrina sobre os Anjos” (Moura, 1981b, p. 150). Já vimos que o que nos individua (numericamente) – os entes compostos – é a matéria assinalada por certa quantidade (*materia signata quantitatae*), mas as inteligências separadas (ou anjos) não possuem matéria, como seria então a individuação delas? Ela se daria por sua forma mesma, assim, cada anjo seria sua própria espécie, irrepetível, visto que é a forma que diferencia as espécies.

1.7 Capítulo 6 (§60-70)

Nesse capítulo, Tomás de Aquino faz uma revisão geral da obra, traçando um paralelo com o capítulo anterior na ordenação dos assuntos: Deus – inteligências separadas – alma humana – substâncias corpóreas; e acrescenta uma consideração sobre a essência nas substâncias simples vista das segundas intenções. No tocante ao ente, é o capítulo que mais evidencia a primazia do ser sobre a essência.

De acordo com o Doutor Angélico, há três modos de se ter essência nas substâncias:

1º. Como em Deus – que é, ou seja, “cuja essência é o seu próprio ser” (Tomás, 1981, p. 83). Não deixam os historiadores da filosofia medieval de lembrar a passagem bíblica: “Eu sou o que sou”, “Eu sou”, “Aquele que é” (Êxodo 3, 14). Deus não está num gênero, pois para isso teria que ter *quididade* à parte do seu ser.

2º. Como nas substâncias criadas intelectuais – “nas quais o ser é outra coisa que essa essência, embora tal essência seja sem matéria” (Tomás, 1981, p. 84). Essas substâncias intelectuais, segundo Avicena, são finitas quanto ao ser que recebem de um superior, e infinitas quanto às formas que não se limitam a alguma matéria. Para tratar da individuação da alma, Tomás utiliza da argumentação de Avicena novamente – a alma precisa do corpo, e ganha com ele, nele tem individuação e multiplicação, mas o seu fim não se encontra no corpo a que está unida.

3º. Como nas substâncias compostas de matéria e forma, quando a essência precisa de matéria e forma para ser – essa necessidade significa grau de imperfeição.

1.8 Capítulo 7 (§71-82)

Tomás trata nesse capítulo da essência nos acidentes, nas substâncias vistas pelas primeiras e segundas intenções. Apresenta a definição, divisão e causa dos acidentes e compara a essência nas substâncias e nos acidentes.

A essência nos acidentes é uma definição incompleta, pois não é por si, depende de um sujeito para existir, tal como a cegueira precisa de um homem (passível de ser cego) para existir e assim ser definida. Haveria, então, um ser substancial (forma e matéria) e um ser accidental (acidente e sujeito).

Os acidentes diferenciam seres de uma mesma espécie, e são relativos à substância, donde os acidentes derivam. Os acidentes são essências (passíveis de definição) relativas ao

sujeito e são de essência limitada, precisam de complementação. Exemplificando: um caderno, sua essência (sua definição) seria um livro em branco para anotações, que pode ser grande, pequeno, de 200 páginas...; assim, juntando matéria e forma e acidentes temos um ente. Considere-se, contudo, que os acidentes apenas são, existem, devido ao sujeito (caderno) ou em comparação com outro sujeito (outros cadernos).

1.9 Conclusão (§83)

Conclui Santo Tomás em sua obra que há essência nas substâncias e nos acidentes; e que foi demonstrado como nas substâncias compostas e simples. E de que maneira as intenções lógicas se encontram em todos estes, exceto o primeiro, que é simples, Deus, o qual não cabe noção de gênero ou espécie, e consequentemente nem definição, por causa de sua simplicidade.

2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA METAFÍSICA TOMISTA

A filosofia do Ser por essência e do ente por participação é genuinamente constituída por Tomás de Aquino no desenrolar de sua obra metafísica. De Deus, cuja essência é seu próprio ser, aos entes diversos, que d'Ele recebem o ser, vê-se uma harmonia sintética entre a tradição neoplatônica-agostiniana, o aristotelismo e a Fé Revelada, na obra inicial do Doutor Angélico.

Para a filosofia grega, especialmente em Aristóteles, o movimento, a matéria, a forma, o mundo eram coeternos¹³. Na metafísica aristotélica, Deus era considerado a *causa final* das coisas, provocava o movimento por atração a Si como um fim. Esse movimento eterno supõe um primeiro motor imóvel, para não se cair num infinito de causas finais. A primeira prova da existência de Deus, na metafísica tomista, se dava desenvolvendo esse argumento do movimento.

A noção de Criação *ex nihilo* (do nada) das coisas, advinda da tradição judaico-cristã, entra em contraste com a noção grega de eternidade das coisas. O mundo teve um começo, conforme narrado pelas passagens iniciais da Bíblia, no Livro do Gênesis. Se tudo teve um

¹³ “Em certo sentido, a matéria se destrói e se gera, em outro não. [...] Considerada como potência, em si mesma não se destrói, senão que necessariamente é indestrutível e ingerável” (Aristóteles, 1995, p. 41, tradução nossa). Comenta Boutroux (2000, p. 85): “Da eternidade da forma e da matéria segue-se a perpetuidade do movimento, e também a da existência do mundo. As espécies mesmas são eternas, e sempre houve homens: só os indivíduos nascem e morrem. [...] Aristóteles já não tem de explicar a formação do universo, mas somente o seu sistema”.

começo, exige-se uma *causa eficiente* para tal. E Tomás de Aquino, usando dessa terminologia aristotélica (utilizada pela física e metafísica) das causas, aplica a Deus tanto a causa eficiente quanto a final em relação às Suas criaturas.

Analogamente, o Doutor Comum apresenta Deus, causa eficiente e final, como o Ser necessário, sem o qual não teríamos existência, ao mesmo tempo que assevera a contingência das coisas criadas.

Apesar de já ser possível ver na filosofia do Estagirita um certo monoteísmo, um único Ente responsável pelo eterno movimento das coisas e das quais é sua causa final, é ainda o Deus de Aristóteles um ser impessoal, sem contato direto com a realidade material, e muito menos responsável por uma criação ou geração, tal como o Deus judaico-cristão ou o Demiurgo platônico.

Santo Tomás vê nas explicações aristotélicas, apesar da eminente distinção entre a filosofia grega e a doutrina cristã, a possibilidade de se explicar racionalmente os dados da fé a que aderiu. O Deus de Aristóteles, enquanto é o Pensamento que se pensa a si mesmo, torna-se parte da chamada teologia natural de Tomás de Aquino, ou filosofia primeira (metafísica). Mas, esse deus “aristotélico” passa por uma mudança metafísica com o “Eu sou” do Antigo Testamento, e sobre as explicações da realidade dadas pelo Estagirita, acrescenta o Angélico a noção de Ser necessário (subsistente e provedor da existência) e entes contingentes (Gilson, 1951 p. 81). Enquanto Ato Puro, o deus aristotélico é ato puro na ordem do conhecer, pois pensa a si mesmo; e o Deus da metafísica tomista é também Ato Puro, mas na ordem da existência, do ser.

Na obra *El tomismo*, Gilson (1951, p. 191) afirma que para Santo Tomás a doutrina aristotélica não proporcionava uma “solução completa do problema do ser”. Enquanto o Estagirita explica a substância, ou ente, como um composto de matéria e forma, ou mesmo somente de forma, respondendo tão somente o porquê um ser é *tal ser*, esse ente, o Doutor Comum vai além da constituição dos entes (matéria, forma, essência, acidentes), indagando o porquê de eles existirem, cuja resposta está no ato criador de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se na filosofia tomista do ser o que chamamos de Realismo. Diante de nossa inteligência há um mundo de objetos, uma realidade independente dela, que se impõe a ela. Esse realismo não é ingênuo, acrítico, pois a inteligência tem consciência de si, estabelecida

que está na evidência do ser, e se relaciona com objetos reais. Um ponto-chave do realismo é que uma coisa deve primeiro ser, para depois ser inteligível.

Dada a imposição dessa relação, vimos com Tomás de Aquino que as primeiras concepções do intelecto são as de ente e essência, dos objetos existentes diante de nós e suas essências (definições).

A distinção entre essência e ser foi explicitada desde a obra *O ente e a essência*, opúsculo metafísico fundamental do Aquinate. Compreendemos que essência é a definição de uma coisa, respondendo à pergunta, *o que é?*, encerra nela uma delimitação do ser (da existência), que é recebido de outrem, e que responde à questão por *que(m) é?*. A essência é atualizada pelo ser, num ente, precisa do ato de ser para existir, e com exceção de Deus, cuja essência é seu próprio ser, ilimitado, e é Ato Puro, todas as criaturas (entes) são constituídas de potência e ato, e essência e ser, coisas realmente distintas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Física**. Traducción y notas: Guillermo R. de Echandía. Editorial Gredos, S. A., 1995.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ARISTÓTELES. **Organon**. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, LDA, 1985.
- BOUTROUX, Émile. **Aristóteles**. Tradução de Carlos Nogué. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CALDERÓN, Álvaro. **Umbral de la filosofía: cuatro introducciones tomistas**. Moreno: el autor, 2011.
- FABRO, C. **Historia de la Filosofía**, v. 1 e 2. Madrid: RIALP, 1965.
- FRAILE, G. **Historia de la Filosofía**, v. I – Grecia y Roma. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1997.
- GARDEIL, H. D. **Inicição à filosofia de São Tomás de Aquino: psicologia e metafísica**. São Paulo: Paulus, 2013.
- GILSON, E. **A filosofia na Idade Média**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GILSON, E. **El realismo metodico**. Madrid: Ediciones Rialp, 1974.
- GILSON, E. **El tomismo**. Tradução castellana por Alberto Oteiza Quirino. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1951.

MOURA, Odilão. Introdução. *In*: TOMÁS de Aquino. **O ente e a essência**. Introdução, Tradução e notas por Dom Odilão Moura, OSB. Rio de Janeiro: Presença, 1981a.

MOURA, Odilão. Notas. *In*: TOMÁS de Aquino. **O ente e a essência**. Introdução, Tradução e notas por Dom Odilão Moura, OSB. Rio de Janeiro: Presença, 1981b.

ROSSET, Luciano; FRANGIOTTI, Roque. **Metafísica antiga e medieval**. São Paulo: Paulus, 2012.

SARANYANA, J. I. **A filosofia medieval**. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2006.

THONNARD, F. J. **Compêndio de história da filosofia**. Tradução de Valente Pombo. São Paulo: Editora Herder, 1968.

TOMÁS de Aquino. **O ente e a essência**. Introdução, Tradução e notas por Dom Odilão Moura, OSB. Rio de Janeiro: Presença, 1981.